ITATIAIA PATRULHA: UM RADIOJORNAL POPULAR[1]

Fabíola Carolina de Souza[2]

RESUMO: O *Itatiaia Patrulha* é um radiojornal policial, veiculado pela *Rádio Itatiaia*. Por lidar com o sofrimento das pessoas e trazer seus sentimentos e emoções para a reportagem, o programa comumente é associado ao sensacionalismo, sendo este conceito, muitas vezes, usado pelo senso comum como sinônimo de exploração dos fatos e dramas humanos. No entanto, acreditamos que por seu caráter generalizado, este conceito não nos ajuda a compreender as características do programa e, por isso, propomos neste artigo discutir sobre a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha* a partir da perspectiva cultural popular.

PALAVRAS-CHAVE: *jornalismo popular; melodrama; radiojornalismo policial; sensacionalismo.*

[1] Este trabalho foi apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, 2013.

[2] Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da UFMG. Integrante do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade - GRIS/UFMG. E-mail: fabiolasouzajor@gmail.com.

Introdução

É ao som de sirenes e trilha sonora de suspense que começa o radiojornal *Itatiaia Patrulha*. Uma voz grave e eloquente entra no ar e anuncia aos ouvintes a primeira reportagem. A violência urbana é o tema principal do programa. Para cada caso, o apresentador Laudívio Carvalho tem uma opinião e expressa sem cerimônia, sua revolta e indignação, cobrando por justiça e convocando o ouvinte a também se indignar com a insegurança e a violência na região metropolitana de Belo Horizonte.

Por lidar com momentos de sofrimento das pessoas e trazer os sentimentos e emoções para a reportagem, programas como o *Itatiaia Patrulha* são comumente associados ao sensacionalismo, sendo este conceito, muitas vezes, usado pelo senso de comum de forma negativa, como sinônimo de exploração dos fatos e dramas humanos. No entanto, acreditamos que por seu caráter generalizado, o conceito de sensacionalismo não nos ajuda a compreender as características do programa e, por isso, propomos o estudo do radiojornal como um programa de jornalismo popular, com forte influência melodramática.

Apesar de não haver um consenso em relação à definição de sensacionalismo, Enne (2007) aponta que os principais estudos relacionados ao tema, como os de autores como Antonio Serra (1986), Danilo Angrimani (1995), Ana Rosa Ferreira Dias (1996) e Rosa Nívea Pedroso (2001), trazem em comum algumas características que o identificariam. A autora destaca seis: ênfase em temas criminais ou extraordinários; presença de marcas da oralidade no texto; uso de marcas sensoriais no texto (arma "fumegante", voz "gélida", "tremer" de terror etc); uso de estratégias editoriais para evidenciar o apelo sensacional (letras garrafais, termos impactantes, etc); construção narrativa simplificadora e maniqueísta e o consumo destes produtos por camadas de baixo poder aquisitivo. (ENNE, 2007)

No entanto, um ponto que nos incomoda no uso deste termo é que o conceito de sensacionalismo é usado de modo negativo, como se este fosse sinônimo de exploração de dramas alheios, do sofrimento humano, de simplificação, deformação, de banalização da violência, da sexualidade, do consumo, de exposição e ridicularização de pessoas de classes mais baixas, de mau gosto, de descontextualização dos fatos, etc (AMARAL,

2006). O sensacionalismo é comumente associado ao mau jornalismo, à falta de compromisso com a informação, a baixaria, ao uso de palavras chulas, palavrões, como se todos os jornais que adotassem características sensacionalistas carregassem consigo todos estes atributos negativos. Além disso, tal visão de sensacionalismo traz consigo uma concepção de cultura na qual os produtos culturais parecem fixos, como se não houvesse ambivalências, como se os produtos sensacionalistas estivessem totalmente distantes, separados dos "verdadeiros" produtos culturais.

Como explica Danilo Angrimani (1995), em linhas gerais, o sensacionalismo seria a divulgação e exploração de um fato em tom espalhafatoso, capaz de emocionar ou escandalizar. Consistiria no uso de atitudes chocantes, hábitos exóticos, escândalos para este fim. Porém a abrangência do termo ocasionaria confusões e uma conotação negativa do conceito, que não só é confundido com qualificativos editoriais como "audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação editorial, agressivo – que são acontecimentos isolados que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum". (ANGRIMANI, 1995: 14).

Os maus usos do termo sensacionalismo bem como seu caráter generalista contribuem para que não queiramos adotar tal conceito na compreensão do *Itatiaia Patrulha*. Além disso, como aponta Amaral, o que diferencia "os produtos midiáticos populares de outros atualmente não é simplesmente a produção de sensações, mas fundamentalmente a exarcebação das referências ao universo do público popular tanto no âmbito cultural, quanto no discursivo" (AMARAL, 2003: 73). Assim, por mais que algumas características do sensacionalismo como a ênfase em temas criminais, o uso da oralidade e as marcas sensoriais sejam encontradas na narrativa do programa, o conceito não dá conta de sua complexidade, não nos ajuda a compreender suas escolhas, ficando muito restrito ao formato e não ao que o programa revela enquanto produto cultural. Devido a isso, adotaremos o conceito de jornalismo popular em nosso estudo, tentando compreender como o universo cultural melodramático e os valores notícia influenciam a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha*. Antes disso, porém, é preciso uma breve apresentação da nossa concepção de popular.

Desafios da análise do popular

Ao discutir a noção de cultura popular, França (2004) destaca dois autores principais Roger Chartier e Stuart Hall. Segundo a autora, ambos resgatam em seus trabalhos duas grandes tendências polarizadoras do debate acerca da cultura popular. A primeira seria a busca ou nostalgia de uma cultura popular pura ou inocente e a outra o entendimento do popular como um lugar de carência, de não-cultura. França ainda afirma que no debate acadêmico tais tendências se expressariam em duas posturas distintas. A primeira de isolar e preservar as expressões culturais populares "autênticas" e a outra de substituir formas decadentes por iniciativas educativas e domesticadoras.

No caso dos programas populares, e aqui estamos incluindo não só os televisos, como os radiofônicos, percebemos que a tendência é enxergá-los como esse lugar da não cultura, do mau gosto, o que acreditamos ser um pensamento reducionista das potencialidades destes programas. Como aponta Hall e Chartier, ao pensar a cultura popular e consequentemente os produtos populares é preciso levar em conta sua natureza dialética, considerando as ambivalências e contradições que permeiam os produtos e processos que a estruturam.

> O significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social ao qual está incorporado, pelas práticas às quais se articula e é chamado a ressoar. O que importa não são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais: cruamente falando e de uma forma bem simplificada, o que conta é a luta das classes na cultura ou em torno dela (HALL, 2003: 258)

Assim, pensar a cultura popular e os produtos populares exige que consideremos as ambivalências e contradições que permeiam os produtos e processos que os estruturam e também o que dizem das complexas relações estabelecidas pelas pessoas dentro do universo cultural. A partir desta concepção, ao olhar para um produto cultural é importante considerar que o significado dessa forma cultural, o lugar que ocupa no campo cultural não é intrínseco a sua forma, podendo variar, ou seja, o que hoje é considerado popular pode ser reapropriado, mudar de posição, pois “as rupturas culturais de hoje podem ser recuperadas como o suporte para o sistema de valores e os significados dominantes de amanhã. A luta continua: mas quase nunca ocorre no mesmo lugar ou em torno do mesmo significado ou valor” (HALL, 2003: 259).

Diante de tudo isso, ao pensar no *Itatiaia Patrulha*, localizamos este radiojornal como um produto da cultura popular, na medida em que diz de representações, papéis e valores que são próprios das classes populares. O programa fala do cotidiano de pessoas comuns, dos problemas que enfrentam, diz de sua linguagem e do modo de vida que lhes são próprios. No entanto, por estar localizado em um terreno de embate, ele também diz da cultura dominante, de normas e padrões sociais que regem a sociedade. A partir disso, nos afastamos então da tendência de muitos estudos do popular associados a uma visão do popular como lugar da não cultura, do mau gosto, o que é um pensamento reducionista das potencialidades destes programas. Como aponta França, o desafio da análise do popular é encontrar parâmetros de apreensão que nos ajudem a compreender sua complexidade, suas ambivalências, suas incoerências.

> Os programas populares de TV nos descortinam formas, figuras, valores que rejeitamos - e não sabemos como tratar. Tratá-los enquanto aberração produzida pela mercantilização da cultura é apenas o caminho mais fácil - mas não leva muito longe. Trabalhar os mecanismos de projeção/identificação aí acionados já é meio caminho andado. Mas o grande desafio é entender a sinalização de uma inversão que obscurece as ordens hierárquicas, o quadro de valores, o alto e o baixo, o bom e o mau. (FRANÇA, 2004: 15)

Esse é um dos nossos principais desafios, olhar para o *Itatiaia Patrulha* tentando perceber essas inversões, seus quadros de valores, seus contrastes, sem com isso cair em determinismos, em pré-julgamentos ou preconceitos. Nossa proposta neste artigo é então olhar para o *Itatiaia Patrulha* como um radiojornal popular, sendo nossa análise baseada nos valores-notícia do jornalismo popular, que segundo Amaral seriam: a capacidade de entretenimento, ser próximo espacialmente ou culturalmente do leitor, poder ser simplificado, poder ser narrado dramaticamente, presença de personagens que gerem identificação com os leitores e utilidade da informação. No entanto, antes de nossa análise é importante destacar o contexto em que o *Itatiaia Patrulha* surge.

Criminalidade no ar

No Brasil, o radiojornalismo policial se desenvolve a partir dos anos 50, sendo que, a princípio, as notícias relacionadas ao gênero policial eram inseridas dentro do noticiário, dividindo espaço com notícias sobre política, economia, esportes, etc.

Segundo Pacheco (2005), fatos como assaltos, roubos e crimes eram agrupados em uma única seção e ganhavam tratamento especial, evitando-se a distorção e o exagero em sua veiculação.

Com o tempo, porém, os noticiários policiais passam a despertar o interesse das emissoras mais populares, que buscam conquistar a audiência das classes mais pobres por meio deste tipo de notícia. Emissoras como *Gazeta*, *Globo* e *Tupi* passam a veicular programas exclusivamente policiais, que se destacavam por transmitir a notícia mesclando um estilo de jornalismo e radioteatro. Como explica Pacheco, a expressividade e dramaticidade do jornalismo policial foram ganhando proporções crescentes e grande penetração nas classes sociais de baixa renda. O segredo para tanto sucesso estaria relacionado não só as características do rádio, como veículo de fácil acesso, barato e que pode ser ouvido em qualquer lugar, como também as características próprias do jornalismo policial radiofônico.

> Conforme relata Lopes (1988), a receita de sucesso do noticiário policial baseia-se simplesmente na narração e dramatização dos próprios fatos, "criando um clima de suspense crescente e de envolvimento emocional da rádio novela" (p. 125). Os efeitos e trilhas sonoras para tornar o cenário mais real possível contribuíam para ampliar a tensão dos ouvintes que acompanhavam os fatos contados em forma de história. (PACHECO, 2005:13)

Em 1950, o programa *O crime não compensa* era sucesso na *Rádio Record*. Veiculado as sextas feiras, o programa consistia em um diálogo entre o locutor Gastão do Rego Monteiro e o delegado Leite de Barros sobre um crime que tivesse abalado a opinião pública durante a semana. Com o tempo, este tipo de radiojornal foi se espalhando pelo Brasil. Como aponta Maria Tereza Paulino da Costa (1989),

> Com estilos variados, estes programas policiais radiofônicos tornaram-se cada vez mais numerosos em quase todos os Estados do Brasil e alguns, atualmente, retomam as antigas fórmulas de novelas radiofônicas para noticiar crimes. Este é o caso do programa "Aconteceu", transmitido pela Rádio Atalaia, de Curitiba, que, a partir de 1988, dramatiza - com atores, diretor, sonoplasta – as notícias policiais do Estado do Paraná, do Brasil e até do exterior. (COSTA, 1989: 08)

Um dos programas policiais de maior destaque no rádio foi o *Programa do Gil Gomes*. Transmitido pela *Rádio Record*, nas décadas de 70 e 80, o programa fazia sucesso pelo modo com que o locutor apresentava os fatos. Gil Gomes dramatizava os

casos ocorridos na periferia da cidade de São Paulo, como crimes violentos e misteriosos, histórias de amor e ciúme, etc.

> O que Gil Gomes faz, então, é descrever, minuciosamente, com abundância de imagens e adjetivos, as condições de vida, as origens e as características físicas, tantos das "vítimas", quanto dos "bandidos". Os casos relatados são fatos que acontecem diariamente na cidade de São Paulo e cujos dados são obtidos em delegacias de polícia, em entrevistas com bandidos, ou com suas vítimas, ou então, em relatos detalhados, feitos por pessoas que diariamente, procuram o radialista e sua equipe para pedir algum tipo de ajuda. (COSTA, 1989: 9)

Seguindo a tendência de programas de cobertura policial, a *Rádio Itatiaia*, veiculava na década de 60, o programa *Rádio Polícia* que, segundo Prata (2011), apresentava uma vertente cômica do mundo do crime. O programa era veiculado no horário do almoço, das 12h30 às 13h e mais tarde, deu lugar ao *Polícia é Notícia*, hoje extinto. Entre os programas policiais, o *Itatiaia Patrulha* foi o único que se manteve fixo na grade de programação da *Rádio Itatiaia*. Criado em julho de 1975, o programa mantém até hoje a mesma fórmula trazendo como temática central a violência na região metropolitana de Belo Horizonte.

Veiculado de segunda a sábado, de 17h05 às 17h55, o radiojornal tem como foco assuntos relacionados principalmente a crimes individuais. Assaltos, assassinatos, estupros e outros tipos de violência são assuntos frequentes no programa. As reportagens trazem não só as perspectivas de fontes oficiais, como policiais, como também dão voz às vítimas, acusados e testemunhas das ocorrências. O programa tem em média quatro reportagens por edição e há mais de oito anos é apresentado pelo jornalista Laudívio Carvalho, que integra a equipe da Itatiaia desde 1980.

A narrativa jornalística do *Itatiaia Patrulha* é construída principalmente a partir da interação entre repórteres e entrevistados. Cada reportagem traz entrevistas, algumas ultrapassam sete minutos, com os envolvidos em cada caso reportado. Como nosso objetivo neste artigo é discutir sobre a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha* a partir da concepção de jornalismo popular, escolhemos para nossa análise dois programas, o primeiro veiculado no dia 14 de fevereiro de 2013 (quinta feira) e o segundo em 15 de fevereiro, do mesmo ano (sexta feira).

Itatiaia Patrulha: entre a emoção e a informação

Em 14 de fevereiro, o *Itatiaia Patrulha* contou com quatro reportagens e duas notas. O assassinato de uma idosa, a prisão de uma assistente social suspeita de levar drogas para o presídio em que trabalhava e duas apreensões de adolescentes por tráfico de drogas foram os temas das reportagens. Intercalado as reportagens, o apresentador Laudívio Carvalho trouxe duas notas. A primeira referente ao posicionamento do prefeito de Betim sobre o caso de um idoso que precisava ser transferido de uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da cidade para um hospital de Belo Horizonte e a outra referente ao desaparecimento de um cachorro. Já no dia 15 de fevereiro, o programa contou com quatro notícias e uma nota. A tentativa de assassinato de um morador de rua, o furto de um caminhão e a apreensão de adolescentes suspeitos do furto de um carro foram temas das reportagens. Como quarta notícia, a repórter Amanda Antunes trouxe, ao vivo, novidades sobre o caso da assistente social presa por entrar com drogas no presídio, tema tratado no dia anterior, e Laudívio Carvalho fez um comentário sobre as condições de trabalho da Polícia Rodoviária Federal em Minas Gerais.

Para falar sobre a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha*, acreditamos que o primeiro aspecto que deve ser discutido é a linguagem radiofônica. Cyro César Silveira (2005) aponta quatro elementos que compõem a linguagem do rádio: a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, sendo a montagem radiofônica considerada por Balsebre (2005) um quinto elemento.

Apontada como o primeiro elemento que compõe a linguagem radiofônica, a palavra está relacionada ao modo como a mensagem é codificada. Apesar de Silveira destacar o termo "palavra", seu foco é muito mais na voz, que segundo ele, se configura como o elemento primordial da comunicação radiofônica. Rica nas variações, nuanças e tons, a voz confere ao texto falado sentido e entendimento.

No *Itatiaia Patrulha*, a escolha das palavras é um importante componente da narrativa. Com o objetivo de convocar o ouvinte, fazer com que este se envolva na narrativa, que se indigne com os crimes, percebemos por parte dos repórteres e principalmente por parte do apresentador do programa, Laudívio Carvalho, uma

preocupação com a escolha das palavras. A linguagem utilizada é coloquial, sendo que no programa é comum o uso de gírias, jargões, expressões populares.

> Laudívio Carvalho: Ô Amanda, esse tava com o pandú cheio de cachaça, num tava? [...] Tava bebendo desde o carnaval. Porque tem gente que bebe no carnaval e emenda a semana inteira, né. Vai, vai, vai. Esse bebeu com força. E a justificativa dele é que ele consegue muito mais progressos na vida que o oponente dele lá, o rival dele. (PATRULHA, 15 de fevereiro de 2013)

Além disso, mais do que falar com uma linguagem próxima ao ouvinte, na narrativa de cada reportagem há também uma preocupação com o tom conferido a cada notícia. Ao falar com as vítimas, percebemos que os repórteres e mesmo Carvalho usam palavras mais suaves, tendo com este tipo de entrevistado uma maior aproximação. A reportagem assume um tom solidário, de compadecimento. Já no caso das entrevistas com os acusados, os repórteres adotam um linguajar com várias gírias e as perguntas assumem um caráter mais intimidador e até mesmo acusador.

A música é ao segundo elemento apontado por Silveira. Segundo o autor é ela que confere dinâmica e ritmo ao texto. Os programas analisados são marcados por uma trilha sonora de suspense, principalmente no início do programa, quando o apresentador faz a primeira chamada, que é sempre uma frase de impacto. Um aspecto interessante do uso da música é que a reportagem do dia 14 de fevereiro, sobre uma idosa que tinha sido assassinada, explorou a música cantada no velório da vítima, em vários momentos. A música, muito comum em velórios, além de conferir dramaticidade à história, pois era cantada por amigos e familiares da vítima, ilustrava o ambiente da reportagem.

Assim como a música, os efeitos sonoros contribuem para a ambientação do ouvinte, dando contornos ao entendimento do texto. Os cenários, que no rádio não são vistos, ganham contornos através destes efeitos e também da música. No Itatiaia tais efeitos são importantíssimos na composição da narrativa, sendo muito comum o som de tiros durante as reportagens, de sirenes, ou mesmo do choro das vítimas.

Já o silêncio é visto por Silveira como forma de integrar a linguagem radiofônica. Segundo o autor, o som e o silêncio atuariam de forma interdependente na configuração da linguagem verbal. Na narrativa do *Itatiaia Patrulha*, o silêncio é destacado quando, por exemplo, os acusados dos crimes não querem conceder entrevista e mesmo assim os repórteres não cessam de fazer perguntas. O silêncio também é

importante componente para gerar suspense nos ouvintes e está presente nas falas de Carvalho, por meio das pausas.

Apontada por Balsebre (2005), a montagem radiofônica seria responsável dentro da linguagem radiofônica pela criação de um novo conceito de real: a realidade radiofônica.

> Com o desenvolvimento da tecnologia é possível cortar e colar o material sonoro, alterar a qualidade e a natureza da fonte sonora, sua velocidade, entre outros recursos que a montagem radiofônica proporciona, contribuindo para a criatividade e intenção comunicativa e expressiva do autor da mensagem. (BALSEBRE, 2005: 334)

A montagem radiofônica é também responsável por criar nexos na narrativa, por contrapor os sons, criar imagens sonoras, despertar por meio dos sons e silêncios a atenção e a emoção do ouvinte. Consideramos tal elemento como fundamental, pois é ele que configura a narrativa jornalística, lhe confere formato ao reunir todos os elementos apontados por Silveira.

Além da linguagem radiofônica outro elemento importante na configuração da narrativa do programa é o apresentador Laudívio Carvalho, que é quem "costura" as reportagens, relaciona os fatos, expressa opiniões. Laudívio é o principal responsável por convocar o ouvinte, integrá-lo a narrativa do programa. Assim, o apresentador não só chama as reportagens e faz a locução de notas, como também comenta as principais notícias, expressa sua opinião sobre os fatos, faz reflexões sobre alguns assuntos, como no caso do mau funcionamento do patrulhamento das estradas federais em Minas.

> Laudívio Carvalho: [...] Mas aí eu fico pensando o seguinte: será que a Polícia Rodoviária Federal hoje tem a estrutura necessária para tomar conta de toda a malha mineira, que é a maior malha rodoviária de todo o país? Será que os policiais rodoviários federais estão motivados para trabalhar em estradas tão longas? [...] (PATRULHA, 15 de fevereiro de 2013)

Destacados os aspectos da linguagem radiofônica e o papel que o apresentador assume na narrativa, partimos para a segunda parte da nossa análise buscando compreender o *Itatiaia Patrulha* principalmente como um produto popular. Para isso, faremos nossa análise a partir dos critérios de noticiabilidade apontados por Amaral. No entanto, apesar de Amaral destacar seis valores-notícia relacionados ao jornalismo popular, nos deteremos a cinco, pois diferentemente da autora, não consideramos que a

possibilidade de simplificação é um valor notícia. A simplificação está relacionada ao fato da notícia não trazer os desdobramentos dos acontecimentos, de não relacioná-los ao seu contexto mais geral, no entanto, também os jornais de referência vão adotar tal procedimento em determinados casos, até mesmo pela falta de espaço e tempo para desenvolver a notícia. Outro ponto que ressaltamos é que o jornalismo é feito de recortes e escolhas e uma notícia, por maior e mais complexa que seja sempre recorrerá a algum tipo de simplificação.

Amaral define o entretenimento como tudo o que prende o olhar, o que faria com que uma cena escandalosa, ridícula ou insólita tivesse por isso potencial para ser notícia. O conceito de entretenimento estaria diretamente relacionado à sensação e a emoção, sendo que no jornal, o entretenimento seria responsável não somente por gerar prazer, mas principalmente por despertar sensações. A autora destaca quatro categorias que compõem a capacidade de entretenimento de uma notícia: histórias de gente comum encontrada em situações insólitas ou histórias de homens públicos surpreendidos no dia a dia de sua vida privada; histórias em que se verifica uma inversão de papéis, histórias de interesse humano, histórias de feitos excepcionais e heroicos.

Olhando para os assuntos que foram notícia nos dois programas analisados percebemos uma busca por crimes diferentes, inesperados. No dia 15, por exemplo, o programa apresentou o caso de um morador de rua que tentou assassinar outro usando uma arma inusitada: uma placa de sinalização. Outro crime inusitado relatado, esse no dia 14 de fevereiro, foi o caso de uma assistente social presa por tentar levar drogas para o presídio em que trabalhava.

> apresentador Laudívio Carvalho: Meus amigos, Franciano Bruno do Nascimento de 27 anos é suspeito de ter dado uma placada em um morador de rua, homem ainda não identificado. (PATRULHA, 15 de fevereiro de 2013)

As notícias enquadradas como entretenimento podem também ser denominadas *fait divers*. Como informação, o *fait divers* traz em sua estrutura uma carga de interesse humano, curiosidade, fantasia, humor, espetáculo. Segundo Ponte (2005), em sua base está um acontecimento próximo do contexto de vida do leitor, espectador. Em todas as

reportagens, os acontecimentos são localizados espacialmente, mostrando que o acontecido pode estar próximo do ouvinte, em seu bairro, em sua região, ou cidade.

Nos programas observados, percebemos que as notícias veiculadas nas reportagens aconteceram principalmente em Belo Horizonte ou em cidades da região metropolitana de Belo Horizonte, sendo assim, o *Itatiaia Patrulha*, um radiojornal local, que traz notícias próximas espacialmente de seus ouvintes. Percebemos ainda que o *Itatiaia* procura no cotidiano de seus ouvintes fatos que despertem o interesse. Ao ouvir o programa, as notícias são muitas vezes espetacularizadas, de modo que um pequeno fato assume, muitas vezes, grandes proporções. Há também uma busca por parte dos repórteres em mostrar os detalhes do crime e expor as características que os diferenciam, que os tornam em alguns casos revoltantes ou inacreditáveis.

> repórter Osvaldo Diniz: Dois minutos. Tempo insuficiente para trocar de roupas, preparar um café ou até mesmo entrar em um ônibus. Mas para o crime, 120 segundos são mais que suficientes. (PATRULHA, 15 de fevereiro de 2013)

A segunda característica que destacaremos é a junção de duas: proximidade e personagens que gerem identificação com o leitor. Tal característica diz muito dos traços melodramáticos presentes neste tipo de jornalismo, pois também o melodrama tem como personagens principais o povo, tendo o seu cotidiano e linguagem como principais elementos para aproximar o público da história. Segundo Amaral, um fato se torna noticiável no jornalismo popular na medida em que pode ser narrado de maneira a ficar próximo ao leitor. Essa proximidade pode se dar de três formas: conteúdo do fato, pela personagem que envolve ou pela linguagem usada.

Uma notícia se aproxima do leitor pelo seu conteúdo, quando diz de seu cotidiano. Segundo Amaral, os temas que interessam as classes C, D e E seriam principalmente os de "atendimento à saúde, mercado de trabalho, segurança pública, televisão, futebol e as matérias conhecidas como de interesse humano, que contam os dramas cotidianos da população" (AMARAL, 2006: 64-65). Ao olhar para o *Itatiaia Patrulha*, percebemos que o programa traz como tema recorrente a segurança pública e também histórias de interesse humano, ao retratar, por exemplo, crimes passionais. O programa tenta trazer detalhes da vida das vítimas de modo a torná-las mais próximas

dos ouvintes. No caso da aposentada que foi assassinada, a reportagem entrevistou amigos e familiares, de modo a construir uma imagem da vítima. A partir das entrevistas, Maria Lucia dos Santos Miranda, 70 anos, foi caracterizada como trabalhadora, bondosa, mulher de fé, contadora de histórias, justa e acima de tudo, alguém que não merecia aquele triste fim. Por fim, temos a proximidade pela linguagem, na qual, o jornal tenta se aproximar do leitor a partir de uma linguagem que lhe é própria. Um aspecto interessante neste sentido, é que por ser um programa radiofônico, o *Itatiaia Patrulha* veicula nas reportagens as vozes de seus entrevistados, deixando transparecer o modo como eles falam e seu linguajar, além disso, os próprios repórteres e também o apresentador do programa fazem uso de termos e ditados populares enquanto entrevistam ou se dirigem aos ouvintes. Citamos como exemplo, uma entrevista do repórter Renato Rios Neto, na qual ele entrevistou adolescentes suspeitos de tráfico e usou uma linguagem próxima a seus entrevistados. "Do que vocês tão rindo, rachando os bico?" ,"Vocês pensam em sair da vida loca?".

A dramatização das notícias é outro componente importante e também diz da matriz cultural dramática na qual o jornalismo popular se desenvolve. Devido a isso, podemos identificar no jornalismo popular recursos narrativos do melodrama, como o apelo aos sentidos e aos dramas dos indivíduos. Percebemos que a construção narrativa do *Itatiaia Patrulha* tenta construir um "mundo comum" para os ouvintes, ou seja, os crimes significam na medida em que revelam um retrato do crime no país, na cidade em que o espectador habita. Há uma generalização de modo que todos se sintam afetados pelos fatos acontecidos. A vítima do crime não era um familiar do ouvinte, mas assim como ele, era um pai de família, uma mãe de família. O tráfico fez mais uma vítima, que poderia ser um familiar, um vizinho, um amigo do ouvinte. Há no *Itatiaia Patrulha* um discurso que convoca o público, na medida em apela para valores morais e que sustenta o imaginário popular do medo, da violência das ruas.

> - Repórter Osvaldo Diniz: Laudívio, a reportagem da Itatiaia acompanha um drama muito comum em delegacias da capital, região metropolitana, enfim, do Brasil. Pais que são obrigados a saírem de seus afazeres para acompanharem o registro de ocorrências policiais nas quais os suspeitos são os próprios filhos. O fato que usamos como exemplo aconteceu no bairro Jardim Industrial em Contagem, na região metropolitana. Dois menores foram apreendidos suspeitos de uma batida do batalhão Rotam em uma boca de fumo conhecida como Buracão. (PATRULHA, 14 de fevereiro de 2013)

Outra característica melodramática encontrada no programa é a construção dos bandidos e das vítimas que se aproxima da construção dos mocinhos e vilões. Há, muitas vezes, quase uma luta entre bem e mal. Nos depoimentos das vítimas, o programa tenta explorar principalmente o drama vivido por aquela pessoa, ressaltando suas qualidades, detalhando sua vida. Já as entrevistas com os suspeitos tentam desvendar as motivações para o crime, se há arrependimento. O bem e o mal são contrapostos, pois de um lado há o cidadão trabalhador, que paga seus impostos, que tem uma família e do outro um "criminoso", uma pessoa muitas vezes sem escrúpulos, que não receia na hora de cometer o crime.

O programa do dia 14, por exemplo, traz uma reportagem sobre a apreensão de adolescentes, o que segundo a reportagem seria cada vez mais comum. No entanto, o foco do programa não são os adolescentes, mas o sofrimento dos pais. De um lado a narrativa coloca os filhos que cometem erros e do outro, os pais, que muitas vezes, também pagam por eles.

> repórter Oswaldo Diniz: E quando é que o senhor percebeu que o filho do senhor tava envolvido nessa situação?
>
> Gláucio: Há uns dois meses. O olho dele. É a mesma coisa se você beber, você nota que seu olho muda, seu semblante muda. Ele tava mudando o semblante. [...] Nunca chegou polícia na minha porta. Eu chorei, pergunta os policiais aí, chorei de tristeza sô. Nunca tive problema com nada, nada. Agora menino dessa idade me dar problema? Eu vim parar na delegacia. (PATRULHA, 14 de fevereiro de 2013)

Por fim, destacamos a utilidade como importante valor notícia no jornalismo popular. Tal utilidade pode assumir dois focos principais. O primeiro se manifesta por meio de reportagens que dizem aos indivíduos como viver, ser bons pais, profissionais, se relacionarem. "Ao dizer ao leitor como ele deve comportar-se, a imprensa torna-se uma referência comportamental e cultural" (AMARAL, 2006: 69). Uma segunda face é o caráter pragmático, no qual os programas tentam se tornar imprescindíveis a vida da sua audiência, sendo que para isso utilizam-se da prestação de serviços, caindo muitas vezes também no assistencialismo. No caso do *Itatiaia Patrulha*, percebemos que o programa se aproxima dessa segunda face, atuando como um prestador de serviço e muitas vezes como fiscal dos direitos públicos e do cumprimento da lei. Nos programas

analisados tal papel foi exercido principalmente pelo apresentador Laudívio Carvalho, que cobra pelo cumprimento das leis e por reformas no sistema penal.

Considerações finais

Buscamos neste artigo compreender a narrativa jornalística do radiojornal *Itatiaia Patrulha*. Para isso, nos afastamos da concepção de sensacionalismo, devido a seu caráter generalizado e também por estar muito atrelada ao formato do programa e não as sua escolhas narrativas e buscamos um modo de olhar para a narrativa do programa que nos ajudasse a pensar em suas escolhas, no que o programa considera relevante dentro da sociedade. Acreditamos que olhar para a narrativa do Itatiaia Patrulha a partir da linguagem radiofônica e dos valores notícia do jornalismo popular nos ajudou não só a compreender o formato do programa como principalmente suas escolhas, já que os valores notícia revelam o olhar que o jornal tem sobre a sociedade, revelam valores, representações, normas e práticas sociais vigentes.

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. Rio de Janeiro: Summus, 1995.

BALSEBRE, Armand. "**A linguagem radiofônica**". In: MEDITSCH, Eduardo (org). *Teorias do Rádio*: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

COSTA, Maria Tereza. **A justiça em ondas médias**: O programa Gil Gomes. Campinas. Editora da Unicamp, 1992.

ENNE, Ana Lucia S. **O sensacionalismo como processo cultural**. XVI Encontro da Compós. Curitiba, 2007.

FRANÇA, Vera. **Programas "populares" na TV**: desafios metodológicos e conceituais. XIII COMPÓS: São Bernardo do Campo/SP, 2004.

HALL, Stuart. "**Notas sobre a desconstrução do popular**". In:_____. *Da Diáspora*: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

PACHECO, Alex Rômulo. **Jornalismo policial responsável**. Disponível em: http://chile.unisinos.br/pag/pacheco-alex-jornalismo-policial-responsavel.pdf. Acesso em 10 de julho de 2013.

PONTE, C. **Para entender as notícias**: linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005.

PRATA, Nair. **Rádio Itatiaia**: 60 anos de jornalismo. VIII Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto: 2011. Disponível em http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Radio%20Atalaia%2060%20anos%20de%20jornalismo.pdf/view. Acesso em 10 de julho de 2013.

SILVEIRA, Cyro César. **Rádio**: a mídia da emoção. São Paulo: Summus, 2005.